

Simpósio Temático **Panoramas da Arquitetura Brasileira Moderna e** **Contemporânea**

Dra. Ruth Verde Zein

A quatro mãos: *Arquitetura Moderna Brasileira, 1978-82*

Dra. Sylvia Ficher e Dra. Marlene Milan Acayaba

Resumo

Elaborado entre 1978 e 1980, o livro *Arquitetura Moderna Brasileira* (Projeto, 1982) pretendia traçar um panorama da arquitetura brasileira desde as primeiras manifestações modernistas até aquele momento. Poucos sabem, mas foi escrito originalmente em inglês, atendendo a convite de Warren Sanderson, professor da Concordia University então organizando um alentado volume sobre a produção arquitetônica após a 2ª Guerra em trinta e dois países – o *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture* (Greenwood Press, 1981). Daí o capítulo "Brasil", ou melhor, "Brazil".

Seja em que língua for, para prepará-lo as autoras visitaram as principais cidades do país – Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza e Curitiba – entrevistando arquitetos, visitando obras e recolhendo material. Onde não puderam ir – Porto Alegre e Brasília, valeram-se de um informante respeitável, Miguel Alves Pereira. Onde se sentiram inseguras, valeram-se de um trabalho até então pouco conhecido por aqui, a tese de Doutorado de Yves Bruand, de 1973.

Viagens, conversas e vistas foram frutíferas, revelando arquiteturas muito diversas, resultado da cultura local, do clima e da geografia, dos materiais empregados... Porém todas inescapavelmente modernas, todas fruto da difusão de tendências de renovação iniciada já na década de 1930.

O capítulo "Brazil" foi organizado, então, em três momentos. O primeiro aborda os contatos iniciais dos arquitetos brasileiros com as vanguardas européias, período caracterizado por uma linguagem fértil e unitária, embasada num racionalismo de viés corbusiano, porém com resultados muito próprios. O segundo momento é dedicado a Brasília, do concurso do plano piloto à inauguração. O terceiro tenta entender algo que vinha então sendo rotulado de "após Brasília", marcado por mudanças estéticas e diversidades de linguagem cuja lógica talvez pudesse ser entendida no contexto de cada região do país.

É este texto em inglês, extensivamente ilustrado com fotos de Hugo Segawa, que serviu de base para o *Arquitetura Moderna*.

Recordando a sua feitura, as autoras se recordaram também da inspiradora leitura do *Handbook*, em especial a introdução de Warren Sanderson, "Trends in Contemporary Architecture", e o artigo de Ivor Prinsloo, "Republic of South Africa". Esses dois ensaios haviam despertado a curiosidade delas lá em 1982; para matar as saudades, retomaram uma investigação há muito adiada sobre o impacto do racionalismo carioca no exterior nas décadas de 1940 a 1960. Pesquisa tão somente esboçada, a presente comunicação deveria comentar o fenômeno apenas nos Estados Unidos, Inglaterra e África do Sul. Mas a internet é uma tentação e elas findaram por se enredar com Portugal, suas ex-colônias na África, e com a Austrália.

Palavras-chave

Arquitetura moderna brasileira; historiografia arquitetônica; difusão arquitetônica; Miguel Alves Pereira; Vicente Weissenbach; Hugo Segawa

Abstract

Written between 1978 and 1980, the book *Arquitetura Moderna Brasileira* (Projeto, 1982) intended to give an overview of Brazilian architecture from its first modernist manifestations up to that moment. Unknown to many, it was originally written in English, in answer to an invitation by Professor Warren Sanderson, from Concordia University, who was then organizing a large volume on post World War II architectural production in thirty-two countries – the *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture* (Greenwood Press, 1981). Thus, the chapter "Brasil", or rather, "Brazil".

Whatever the language, to prepare it the authors visited the country's main cities – Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Fortaleza, and Curitiba – interviewing architects, visiting their works, and collecting material. Miguel Pereira gave his well-informed assistance for the places they were unable to visit, Porto Alegre e Brasília. Yves Bruand's 1973 Doctorate thesis, little known here at that time, was used when they felt insecure.

Travels, talks and visits were productive, revealing to the authors diverse architectures, the result of local culture, climate and geography, materials employed... Yet, all inevitably modern, all result of the diffusion of renewal trends from the 1930s on. And the chapter was organized in three moments. The first addresses the initial

contacts of Brazilian architects with the European vanguards, a period characterized by a fertile and united language, founded on Corbusian rationalist principles, but with its own distinctiveness. The second moment is dedicated to Brasília, from the pilot plan competition to its inauguration. The third attempts to understand what at that point was being labeled “post Brasília”, a period marked by aesthetic changes and language diversity with a logic that could perhaps be understood within the context of each region in the country.

This text in English, extensively illustrated by Hugo Segawa’s photos, was the basis for *Arquitetura Moderna*.

Recalling its production, the authors also recalled the inspiring study of the *Handbook*, chiefly the introduction by Warren Sanderson, “Trend in Contemporary Architecture”, and the article by Ivor Prinsloo, “Republic of South Africa”. Both essays had awakened their curiosity back in 1982. In a evocative mood, they resumed a long postponed research on the impact of *carioca* rationalism abroad from the 1940s into the 1960s. A merely outlined research, its current presentation would only address the United States, England, and South Africa. But the Internet is a temptation and they ended up entangled with the phenomenon in Portugal, its former colonies in Africa, and in Australia.

Keywords

Brazilian Modern Architecture; Architectural historiography; Architectural diffusion; Miguel Alves Pereira; Vicente Weissenbach; Hugo Segawa

A quatro mãos: Arquitetura Moderna Brasileira, 1978-82

Dra. Sylvia Ficher e Dra. Marlene Milan Acayaba

Para a Sylvia e a Marlene lembrar como foi feito o livro *Arquitetura Moderna Brasileira* é uma viagem, mas uma viagem que não se compara àquela que fizeram pelo Brasil no verão de 1979.

O *Arquitetura Moderna* se propunha traçar um panorama da arquitetura brasileira da década de 1920 à de 1970. Poucos sabem, mas foi escrito originalmente em inglês, para integrar o *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*, manual organizado por Warren Sanderson – professor da Concordia University, Montreal, sobre a produção arquitetônica após a 2ª Guerra Mundial.

O alentado volume, publicado em 1981, iria corresponder às intenções de seu organizador¹ e ao pomposo título. Trata-se de uma útil obra de referência, abordando trinta e dois países;² painel este introduzido por seis excelentes ensaios.³ Mas parece que tanta pomposidade lhe custou em popularidade. Findou por passar quase despercebido, não é fácil encontrá-lo citado na historiografia.⁴ Injusto infortúnio crítico, há alguns dias estava à venda usado por £ 0.45 em um site inglês⁵ e por umas 1.500 rúpias em um site indiano.⁶ Na William Stout Architectural Books, em San Francisco, é levado mais a sério: está à venda por US\$ 75.⁷

Eis a sua gênese, o capítulo sobre o Brasil, ou melhor, "Brazil", do *Handbook*. Tudo muito canhestro, coisa de principiante, mas fruto de uma excepcional amizade, escrito com a despreocupação da juventude.

Do que a Marlene se lembra

¹ Conforme correspondência a Sylvia Ficher: *The volume is to be a work of reference primarily. It will be sold especially to libraries around the world... It will be used, we expect, both by specialists and the general public...* Sanderson, Trier, Alemanha, 5 jul. 1978.

² Pela ordem dos capítulos no livro: Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Cuba, Tchecoslováquia, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Grécia, Hungria, Israel, Itália, Japão, México, Holanda, Noruega, Polônia, África do Sul, Suécia, Turquia, União Soviética (ela ainda existia!!), Estados Unidos e Venezuela. É pena que não tivemos tempo para dar uma pesquisada na internet para saber mais sobre os autores. Deles, à época conhecíamos de nome apenas dois: Yves Bruand, responsável pelo capítulo "France" e Elizabeth D. Harris, pelos capítulos "Argentina" e "Venezuela".

³ "Trends in Contemporary Architecture", de Warren Sanderson; "Architectural Theory and Criticism since 1945", de Bruno Zevi; "Technology and Architectural Design", de Robert W. White; "Preservation, Restoration, and Conservation", de Robert Brueggemann; "Urban Planning in Europe since 1945, de Adolf Ciborowski; e "Urban and Regional Planning in South America", de José M. F. Pastor. Também não checamos esses nomes.

⁴ Busca sumária nos catálogos *online* de algumas das mais importantes bibliotecas universitárias brasileiras levou a apenas um exemplar na Escola de Engenharia de São Carlos.

⁵ <http://www.eurospanbookstore.com/display.asp?k=9780861720255&>

⁶ <http://www.bookadda.com/product/international-handbook-contemporary-warren-sanderson/p-9780313214394-313214395>

⁷ <http://www.stoutbooks.com/cgi-bin/stoutbooks.cgi/86108>

Em 1975 eu me inscrevi na pós-graduação da FAU/USP com o objetivo de fazer um estudo sobre as residências de vanguarda em São Paulo. Pouco depois a Maria Helena Flynn me falou de uma tese de doutorado sobre arquitetura contemporânea brasileira, defendida na França pelo professor Yves Bruand.

Por intermédio de minha irmã Betty Milan, que vivia lá, o professor Bruand gentilmente me cedeu um exemplar. Li com o maior interesse, sobretudo porque nunca havia visto nada igual no nosso universo. O sujeito era paleógrafo e, a partir de publicações em revistas, transformava tudo em lâminas de estudo. Foi isto que me deu a ideia de como faria a pesquisa sobre as casas, usando como referência o que havia sido publicado.

Nesse meio tempo, em 1978 reencontrei a Sylvia no curso de especialização em patrimônio que eu estava assistindo na FAU. Uma noite, convidadas para jantar com nossa colega Marta Dora Grostein, conversamos durante horas sobre os nossos interesses, que coincidiam, uma vez que ambas gostaríamos de nos dedicar à história da arquitetura. Nos dias seguintes, ela me convidou para escrevermos um artigo sobre arquitetura moderna no Brasil, a ser incluído em um livro que seria publicado nos Estados Unidos. Respondi que seria ótimo, mas que talvez pudéssemos tentar uma experiência antes para ver como funcionaria a nossa parceria. Naquele momento, o Instituto Roberto Simonsen havia aberto um concurso, o Prêmio Henrique Mindlin. Para ele escrevemos um ensaio que recebeu menção honrosa.⁸ E o prêmio foi para quem? Para a Ruth Verde Zein e o marido dela, o José Luiz Telles dos Santos!!

Num certo sentido, aquele primeiro texto mostrou que poderíamos trabalhar juntas, embora escrever a quatro mãos nem sempre seja fácil. Mas como as duas estavam se iniciando nas lides acadêmicas, uma dava força para outra, e rapidamente nos disciplinamos para realizar os estudos necessários.

Do que a Sylvia se lembra

Para mim, tudo começou em Nova York, em maio ou junho de 1978. Havia concluído o mestrado na Columbia e estava para voltar, sem saber muito bem o que me esperava por aqui. Recordo vagamente ter conhecido uma pesquisadora que estava preparando um livro sobre arte latinoamericana ou algo assim, e que houve uma conversa sobre uma possível participação minha. E só!!

⁸ Acayaba e Ficher, 1978.

Por essa época chegou uma carta do Lemos, contando que o meu professor James Fitch iria dar um curso na FAU, e me convidando para ser sua assistente. Topei na hora...

Já em São Paulo, recebo outra carta – datada de 5 de julho de 1978, o que estabelece *precisamente* o início da novela – de um professor Warren Sanderson, explicando que está organizando um livro e que a Dra. Joyce Bailey – deve ser a tal pesquisadora – havia me indicado como alguém que poderia, por sua vez, indicar pesquisadores daqui para preparar um capítulo sobre arquitetura brasileira.⁹ Respondi imediatamente, dispondo-me a escrever o capítulo. E ele aceitou!?!¹⁰

A tarefa estava muito além da minha competência, precisava achar alguém para trabalhar comigo. Tudo clicou naquela conversa com a Marlene no apartamento da Marta Dora. Tinha encontrado a parceira ideal! Foi ela que veio com essa conversa do Prêmio Henrique Mindlin, eu queria começar o quanto antes o nosso artigo, o prazo era apertado para duas diletantes. Mas todo mundo sabe que a Marlene não pede, manda...

Atacando o Brazil

Havia chegado a hora de encararmos o "Brazil", isso por volta de setembro de 1978. Começávamos a vislumbrar uma estrutura básica; a encomenda era sobre o período posterior a 1945, e nos parecia que esse recorte não se ajustava ao caso brasileiro. Aqui a guerra não significara uma ruptura de igual ordem daquela que ocorrera na Europa e nos Estados Unidos. Pelo contrário, fora a guerra e a conturbada década que a precedeu o que, em parte, havia permitido que a produção brasileira preenchesse o vácuo criado no cenário arquitetônico internacional.

E assim, o ensaio foi pensado em três momentos. Um primeiro trataria dos contatos iniciais dos brasileiros com o movimento moderno europeu até Brasília. Um período quando havia uma linguagem arquitetônica fértil e unitária, embasada num racionalismo de viés corbusiano, porém com resultados muito próprios. Inescapavelmente um segundo momento seria dedicado a Brasília, do concurso à inauguração. Um terceiro tentaria entender algo que vinha sendo rotulado de "após Brasília",¹¹ marcado por mudanças estéticas e diversidades de linguagem cuja lógica talvez pudesse ser entendida nos contextos regionais.

⁹ Sanderson, 1978. O prazo que ele otimistamente estabelecia era março de 1979.

¹⁰ Não conseguimos encontrar essas duas cartas.

¹¹ Expressão "oficializada" no título dos três volumes contendo depoimentos de onze arquitetos publicados pelo IA/RJ naquele ano de 1978.

Logo percebemos que escrever as duas primeiras partes não seria problemático. Complicado mesmo era o tal após-calipso brasileiro, de 1960 em diante! Como resolver o impasse? Tínhamos que estudar... Começando pelo que vivenciávamos de primeira mão: São Paulo. Aí, diante da ausência de publicações sobre a produção mais recente, sair a campo, viajar pelo Brasil, conversar com os arquitetos das cidades mais importantes, visitar as suas obras, verificar de primeira mão o que estava acontecendo. Para saber quem procurar em cada lugar, apelamos para o Joaquim Guedes e o Miguel Pereira. À medida que íamos avançando em nossa peregrinação, fomos encontrando outros arquitetos que nos davam dicas sobre o que era entendido como relevante no seu meio.

São Paulo

São Paulo fazia parte do nosso dia-a-dia. Quase que bastava relatar o que sabíamos pelo simples fato de termos estudado na FAU e pertencemos ao seu meio profissional. Os arquitetos e obras citados simplesmente refletem o que era mais comentado naquele tempo na nossa roda; pela ordem no livro: Lina Bardi, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Joaquim Guedes, Carlos Millan, Fabio Pentead, Sergio Ferro e Rodrigo Lefèvre, Marcos Acayaba, Eduardo Longo, Pedro Paulo de Mello Saraiva e Miguel Juliano, Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar, e Abraão Sanovicz.

Rio de Janeiro

Nos primeiros meses de 1979 pegamos um avião em Congonhas e descemos no Santos Dumont, onde a Cristina Toledo Piza, nossa colega da FAU, nos aguardava para nos hospedar e socorrer. Nosso outro guia foi o Luiz Paulo Conde, quem nos levou para passear, mostrando aqui e acolá alguns edifícios que havia projetado, mas preocupado sobretudo em nos mostrar a cidade. Um encontro especial foi com o saudoso Joca Serran, com quem mantivemos uma longa conversa em algum barzinho de Ipanema. Outro dia fomos visitar o Zanine, que estava construindo umas casas belíssimas com estrutura de madeira numa área próxima da Floresta da Tijuca. E fomos ao Joá, onde descobrimos a arquitetura dos irmãos Menescal.

A maior surpresa foram os escritórios, um mais bonito que o outro, todos com vistas para aquela paisagem única. Além disso, os cariocas tinham muitos projetos em outras cidades. Enquanto que os paulistas ficavam mais restritos ao seu estado; e seus escritórios eram bem mais sem graça, à exceção daqueles no IAB/SP.

O ritmo desses encontros era completamente diferente do nosso. Quando tentamos marcar uma entrevista com o Sérgio Bernardes, ele nos recomendou que antes fôssemos à praia, tomássemos um bom banho de mar, para no fim da tarde visitá-lo em seu lindo escritório na Barra, de frente para o mar, claro!

A viagem já estava surtindo efeito. Tomávamos consciência de quão pouco sabíamos. Afora aqueles arquitetos mais ativos nas reuniões do IAB nacional, praticamente não conhecíamos ninguém além dos paulistas, boa parte deles nossos professores.

Só fizemos algumas breves anotações das entrevistas, encantadas com aqueles arquitetos tão diferentes, homens da corte, teatrais... Era verão, quando o Rio se prepara para o carnaval e reluz na sua expressão máxima. Fazíamos a lição de casa, mas também nos divertimos...

Por tudo isso, a seleção carioca foi mais variada, indo de nomes consagrados a outros mais jovens. Ousava mesmo incluir um Zanine, a quem poucos então referiam como arquiteto, apesar do seu imenso talento: Jorge Moreira, MMM Roberto, Henrique Mindlin, Helio Ribas Marinho e Marcos Konder, Sérgio Bernardes, Ricardo e Roberto Menescal, Paulo Casé, José Zanine Caldas, Luis Paulo Conde e Oscar Niemeyer.

Manaus

Foi em seu escritório no Rio que conhecemos Severiano Mário Porto, cujo premiado projeto para a residência Schuster, há pouco publicado na *Projeto*, tinha nos encantado. Ao vivo e a cores, foi bem depois que Marlene e Marcos foram a Manaus e visitaram suas obras. Naquela altura já eram bons amigos, haviam se encontrado na Bienal de Buenos Aires em 1986, quando Severiano ganhou o Grande Prêmio e Marcos, o Cubo de Bronze.

Salvador

A seguir veio Salvador, e aí a coisa ficou ainda mais lenta, o calor mais intenso. Estávamos hospedadas no Pelourinho, aquele mesmo hotel onde havíamos ficado durante o Congresso de História da Arquitetura, em 1975. E aproveitamos para curtir o centro histórico, para nós bem mais interessante que a arquitetura baiana mais recente.

Se nos lembramos bem, nosso primeiro contato foi com o arquiteto Assis Reis, por indicação do Guedes. Ele nos recebeu super bem e uns jovens arquitetos de seu escritório nos levaram para conhecer suas obras. Foi ele quem nos falou do

projeto do Lelé para o centro administrativo da Bahia. Fomos visitá-lo: era um imenso canteiro de obras; prontos apenas a igreja e o pavilhão de exposições.

Confessemos, Salvador não foi tão empolgante como o Rio e nossas escolhas ficaram – não sabemos mais porque – excessivamente restritas, muita gente interessante ficou de fora. Citamos apenas Francisco Assis Reis e João Filgueiras Lima.

Recife

No Recife, depois de muita dificuldade para encontrar um lugar para nos hospedar – era férias, a cidade estava lotada –, conseguimos um quarto em uma casa particular em Boa Viagem. Já estávamos pegando o jeito, ficando espertas, e logo nos pusemos a telefonar para a lista que tínhamos obtido graças à Cristina Jucá, uma ótima indicação do Miguel.

Quando tentamos os primeiros contatos descobrimos, desconsoladas, que estava todo mundo fora, passando a temporada de verão na praia, seja lá o que isso signifique para quem mora em uma cidade litorânea. Por fim, conseguimos convencer alguns arquitetos a nos receber na semana seguinte. Nada a fazer, seguimos a receita do Sergio Bernardes: banhos de mar e longas caminhadas por Boa Viagem. Próximo de onde estávamos, nos chamou a atenção um prédio muito diferente, bem mais alto que os demais, talvez o famoso Holiday.

O primeiro arquiteto que nos recebeu foi o Vital Pessoa de Melo, que nos fez um panorama do que estava acontecendo. Na sequência, estivemos com o Borsoi. Ele nos deu uma entrevista muito boa, cândida mesmo, contando sobre os reveses da experiência do Cajueiro Seco, e explicou que, no momento, estava se dedicando mais a projetar, em parceria com sua esposa, a arquiteta Janete Costa, vários prédios de apartamentos de luxo em Boa Viagem. Quem nos levou para conhecer vários desses prédios – um melhor que o outro, todos com soluções hábeis para aproveitar a brisa do mar na ventilação interior – foi o seu filho, Marco Antonio Borsoi, então se iniciando na profissão.

Houve um jantar na casa dos arquitetos Clementina Duarte e Armando de Holanda, num bairro mais afastado. Este foi, sem dúvida, o encontro mais fascinante de toda a viagem: o Armando nos seduziu, era um idealista e estava muito perturbado com o estrago que a construção do Porto de Suape iria fazer no Cabo de Santo Agostinho, local histórico de grande beleza, e nas praias próximas, como Gaibu.

Com ele visitamos justamente o Cabo, onde o Armando estava ousando erigir um monumento de protesto. Lembrem-se, era 1979 e o porto era uma daquelas obras megalomaníacas da ditadura, causando terríveis danos ambientais sem que ninguém pudesse chiar, exatamente como iria acontecer alguns anos depois quando destruíram Sete Quedas para construir Itaipu. Armando nos levou também ao Parque Nacional dos Guararapes, para o qual havia projetado uma série de equipamentos seguindo os conceitos que havia exposto em seu livro *Roteiro para construir no Nordeste*, um trabalho inspirador que merecia ser reeditado.¹²

Conhecemos outros profissionais interessantes, como o Reinaldo Esteves, o Jório Cruz e o Élvio Polito. A imagem que ficou desses arquitetos do Recife é que eram cultos e sofisticados, muitos deles com formação na França ou na Inglaterra. Todavia foram poucos cujas obras citamos: Delfim Amorim, Acácio Gil Borsoi e Armando de Holanda.

Fortaleza

Aqui as duas amigas se separam. Marlene volta para São Paulo e Sylvia segue para Fortaleza. Agora quem relata é ela, reclamando que não tem a memória da Marlene e nem a sua veia poética.

Graças à amizade dos tempos do curso de especialização em patrimônio de 1974, entrei em contato com o colega Luciano Guimarães, outro guia incansável. Mais uma vez um acolhimento caloroso, acompanhado da descoberta de um ambiente profissional afinado. Liberal de Castro eu conhecia, fora meu professor justamente em 1974. Igualmente o Neudson e o Campello, arquitetos atuantes no IAB que já havia encontrado em São Paulo.

Novidade foi conhecer arquitetos mais jovens, preocupados em realizar obras adequadas ao clima e empregando materiais locais. Como a Nícia – quem reencontraria logo depois em Brasília, pois começamos juntas a dar aula na UnB em 1982 –, que me levou para visitar algumas das suas casas. Ou o Nelson Serra e o José Alberto, que me falaram da bela experiência de Morada Nova. E um personagem inesperado: Fausto Nilo, arquiteto dublê de compositor, parceiro letrista do Moraes Moreira em todos aqueles frevos maravilhosos... Paradoxalmente, a sua arquitetura ia na direção oposta, menos regional e mais influenciada pelos paulistas.

¹² Holanda, 1976. Cada uma de nós ganhou um exemplar; o da Sylvia foi emprestado para o Vicente quando estavam preparando o *Arquitetura Moderna* e sumiu...

Em retrospecto, a seleção parece ter sido bem equilibrada: José Liberal de Castro, Neudson Braga, Nícia e Gerhard Bormann, Roberto Castelo e José Furtado, Paulo Cardoso, Fausto Nilo, Nelson Serra e José Alberto de Almeida.

Curitiba

Para fechar o percurso, a Sylvia vai a Curitiba, onde se encontra com o Jaime Lerner, o qual descreve em detalhe o processo de planejamento da cidade. Deve ter sido preguiça dela, em nossa seleção apenas citamos a dupla Luiz Forte e José Maria Gandolfi e nos concentramos nos aspectos urbanísticos: Jorge Wilhelm e Jaime Lerner.

Porto Alegre e Brasília

Não dava para continuar viajando e ainda faltava muita coisa. Jamais teríamos dado conta do serviço se, para cobrir as principais lacunas, o Miguel não tivesse nos ajudado com Porto Alegre e Brasília. Se a seleção de Porto Alegre foi boa, o crédito é dele; se erramos feio, assumimos a culpa: Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Carlos Fayet, Claudio Araujo, Moacir M. Marques e Miguel Alves Pereira.

O mesmo quanto a Brasília: Oscar Niemeyer, Lelé Filgueiras Lima, Leo Bonfim e Alberto Xavier, Paulo Zimbres, José Galbinski, Miguel Pereira, Ricardo Farret, Alcides da Rocha Miranda, Pedro Paulo de Mello Saraiva e Paulo Mendes da Rocha, Sergio Souza Lima, Ícaro Castro Mello, Sergio Ficher e Henrique Cambiaghi.

Acabando com o Brazil

A viagem fora frutífera; havíamos encontrado arquiteturas diversas, resultado do clima, da geografia, da cultura local e seu tipo de vida, dos materiais empregados... Porém todas inescapavelmente modernas, todas reconhecíveis pelo gene comum, todas direta ou indiretamente fruto da difusão do modernismo pelo país.

Encerrada a farra dos passeios, chegara a temida hora da redação. Escrever as duas primeiras partes não foi problemático. Simplesmente recontamos a versão heróica que nos havia sido transmitida pela tradição oral das aulas de história da FAU, em especial aquelas do Eduardo Kneese de Mello: "desde o começo", ou seja, o Warchavchik, passando pelo Corbusier no Brasil, pelo Ministério e pelo fenômeno Niemeyer, fechando em Brasília. Para evitar maiores gafes, nos valem da magra historiografia nacional de então e de um trabalho praticamente desconhecido por aqui, a tese de doutorado de Yves Bruand – atenção, não o livro, este só sairia em 1981, a tese de 1973. Fontes essas, todas, que não fugiam em muito daquela versão heróica. Para maior precisão, nos apoiamos em informações coletadas nas revistas de

arquitetura. Naqueles primitivos tempos sem catálogos *online*, um auxiliar indispensável foi o *Índice da Arquitetura Brasileira*, aquele que vai de 1950 a 1970.¹³

Redigida a terceira parte, incluímos à guisa de conclusão uma sumária revisão da bibliografia, alinhavando os títulos mais influentes – falha indesculpável, entre outras, é a ausência do livro do Lemos, *Arquitetura Brasileira*, lançado naquele ano de 1979. E uma mais sumária ainda tentativa de discussão de um processo de regionalização que nos parecia estar em curso. Metidas, ousávamos nos embrenhar pelo regionalismo crítico.¹⁴

Mal traduzido para o inglês, em algum momento em 1979 enviamos para o Sanderson aquele que seria apenas o primeiro esboço do "Brazil". Ele, numa demonstração de extremo profissionalismo, devolveu o texto com o inglês todo corrigido,¹⁵ acompanhado de uma longíssima carta na qual malhava o trabalho do começou ao fim, em particular a terceira parte, aquela em que mais havíamos caprichado. Só para dar o tom:

*I have worked long and very hard on your contribution... I am sorry that I cannot accept the second part (after the discussion of Brasilia) even as it now stands in my revision. There are simply too many very incomplete discussions in it... Ask yourselves just what are the major trends in Brasil's architecture... and decide whether they are clear from your chapter (and they are really not clear to me).*¹⁶

Porém restava uma esperança:

I am sure that your chapter as it stands has all the "raw material" necessary for an excellent chapter, but it requires more shaping now.

A paulada vinha acompanhada de uma lista de questões a serem esclarecidas – vinte e seis para sermos precisas, todas oportunas. Mãos à obra, finalmente surgiu um texto, ou melhor um copião. Trechos em inglês, trechos em português...

¹³ Costa e Castilho (orgs.), 1974. Os demais volumes viriam muito depois, já nos anos 80.

¹⁴ Ver Tzonis e Lefaivre, 1981 e 1985; e Frampton, 1983.

¹⁵ Infelizmente, não guardamos essa versão corrigida.

¹⁶ Correspondência de Warren Sanderson a Sylvia Ficher, Montreal, 1 dez. 1979

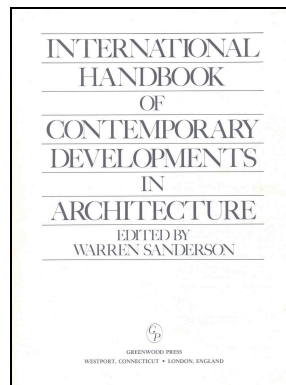
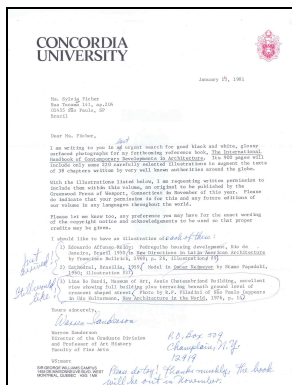


Fig. 1 - Correspondência de Warren Sanderson, Montreal, 15 de janeiro de 1981.

Fig. 2 - Folha de rosto do *Handbook*.

Fig. 3 - Página do "Brazil".

A tradução definitiva foi feita por ninguém menos do que o Dr. Paulo Emílio Vanzolini, então diretor do Museu de Zoologia da USP. Por fim, havia um texto se não brilhante, pelo menos correto e em bom inglês, que enviamos para o Sanderson a 14 de maio de 1980.¹⁷ Apesar das ácidas críticas anteriores, ele findou por aceitá-lo, conforme nos informou a 2 de outubro de 1980:

*Your manuscript is part of the Handbook indeed and is now in production at the Greenwood Press. Forgive me for not writing sooner and thanks for a good chapter.*¹⁸

Em novembro de 1981 era lançado o *Handbook*. O "Brazil" fora publicado!!

Enfim o *Arquitetura Moderna*

Um serviço que dera tanto trabalho, que não era tão ruim assim e que poderia servir como uma primeira leitura para os estudantes, não um manual no padrão do Bruand, algo mais singelo, porém chegando até a década de 1970. Que tal publicá-lo?

Feita a tradução,¹⁹ selecionamos as ilustrações e montamos um "manuscrito", algo tosco considerando os recursos digitais de hoje. E o editor? A opção era óbvia... O Vicente Weissenbach topou, convidamos o Miguel para escrever a introdução.

Só que o Vicente não gostou da conclusão. Mais trabalho, mais uma conclusão que, em retrospecto, também tem, entre outras, uma falha grave: não termos incorporado a ela justamente a conclusão em inglês, aquela com o rapidíssimo balanço da historiografia. Dada a dificuldade de acesso, aí vai o melhor trecho:

¹⁷ Correspondência de Marlene Milan Acayaba e Sylvia Ficher a Warren Sanderson, São Paulo, 14 maio 1980.

¹⁸ Correspondência de Warren Sanderson a Sylvia Ficher, Montreal, 2 out. 1980.

¹⁹ É esta origem em um texto "escrito para estrangeiros" que explica aquelas frases de apresentação de cada cidade, falando de sua localização e clima, algo que talvez devêssemos ter cortado no livro...

The study of contemporary Brazilian architecture suffers from the lack of historical texts. Brazil Builds (1943), Henrique Midlin's books (1943, 1956), several articles by Lucio Costa, all written before 1960, and some scattered essays by architects have only recently been substantially augmented by Yves Bruand's L'Architecture contemporaine au Brésil, a doctoral thesis published in 1973, exhaustively covering the field from 1900 to 1968. These important sources are complemented by architectural journals of a usually short or intermittent life in which there has been a notable absence of criticism and an exaggeratedly high valuation of architectural output. Perhaps in part this may be explained by the fact that Brazilian law does not clearly define the architect's profession which overlaps with the civil engineer's. Another contributing factor to this situation may well be that the cultural activity we know as architecture, after giving Brazil some international renown during the 1940s and 1950s, came to be viewed with suspicion during the 1960s concurrently with certain internal political changes.²⁰

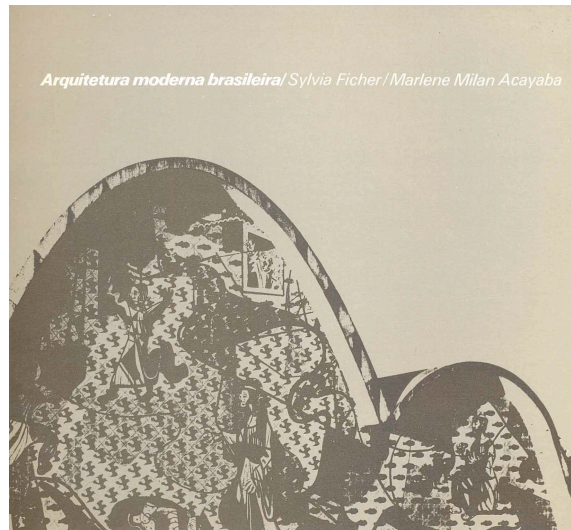


Fig. 4 - *Arquitetura Moderna Brasileira.*

Mesmo assim, descontadas as limitações das fontes e das autoras, a conclusão do *Arquitetura Moderna* ainda interessa como documento de época. E traz esboçada uma primeira abordagem de algumas questões que só mais recentemente têm sido objeto da reflexão por parte de nossos historiadores, como a conflituosa

²⁰ Acayaba e Ficher, 1981, p. 171. Datando a sua elaboração e mostrando como a autocensura funciona, note-se o eufemismo com que, na última frase, nos referimos à ditadura.

relação entre o internacionalismo do movimento moderno e o desejo de afirmação de uma cultura nacional.



Fig. 5 e 6 - Lançamento do livro, *show-room* da Oca, Av. Faria Lima 1.784, 7 de dezembro de 1982.

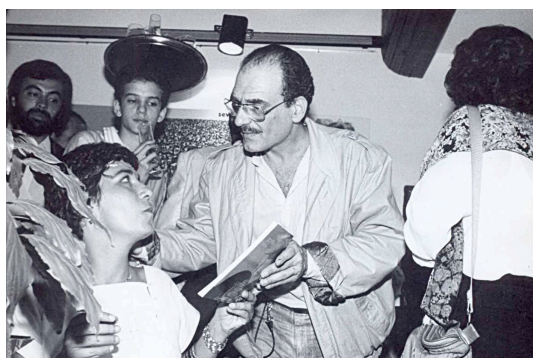


Fig. 7 - Marlene Milan Acayaba, Joaquim Guedes e Branca de Mello Saraiva.
Fig. 8 - Sylvia Fischer e Flávio Império.



Fig. 9 - Ermínia Maricato, Vicente Weissenbach e Mimi Jaguaribe Eckman.
Fig. 10 - Branca de Mello Saraiva, Miguel Pereira e Marcos Acayaba.

Em 1982 seria a vez do *Arquitetura Moderna* ser publicado! Quando o vimos pela primeira vez, uma bela surpresa: não só tinha uma elegante programação visual

como tudinho fora ilustrado. Contribuição impar do Hugo Segawa, que repetira o nosso roteiro e foi muito além, lá onde não havíamos ido, fotografando todas as obras citadas. Graças ao Hugo, várias delas estavam sendo publicadas pela primeira vez.

O lançamento foi na loja da Oca, na Faria Lima. E graças à prodigalidade do Vicente, era tanta bebida que a noite de autógrafos só poderia ser um sucesso!!



Fig. 11 – Marlene Milan Acayaba, João Batista Vilanova Artigas e Sylvia Ficher.

Algo mais do que recordações

Tantas estórias meio esquecidas, vem o convite da Ruth para participarmos da sua sessão temática aqui neste primeiro evento da longamente ansiada Anparq. Valeu o reencontro com quem fomos. E o reencontro com um *Arquitetura Moderna* até que algo valorizado, hoje vendendo inclusive por R\$ 100,00.²¹

Porém tudo isso é folclore. A quatro mãos novamente, voltemos ao *Handbook* e a uma observação do Sanderson na sua introdução:

South America had been made well aware of the new style of buildings by Le Corbusier himself during his lecture tour of the continent in 1929. Architects in Argentina, Brazil, and Uruguay were especially receptive to his ideas, and in 1936 he was invited to Brazil as a consultant for what became a landmark of modern architecture in South America, the Ministry of Education and Health building in Rio de Janeiro (1936-1943). This had effects not only during the forties in South America but also in the fifties in the Republic of South Africa where the Meat Board Building in Pretoria (1951) by Stauch and Partners is related to it, according to I. Prinsloo.²²

²¹

http://www.estantevirtual.com.br/mod_perl/busca.cgi?pchave=ficher+sylvia+acayaba&tipo=simples&estante=%28todas+estantes%29&alvo=autor+ou+titulo

²² Sanderson, 1981, p. 4.

I. Prinsloo? Ora, o autor do capítulo sobre a África do Sul no *Handbook*, quem nos brinda com uma inesperada assertiva:

The local experience with the International Style had not been entirely satisfactory due to technical failure and public rejection, and architects actively sought other modes of designing in the postwar period. At this time a new set of diverse influences entered the field; the influence of Scandinavian work, the gentler brick architecture of persons such as Dudok (both under the rubric of New Empiricism), and the recent work done in Brazil and made known to South Africans by the publication of Brazil Builds (Goodwin, 1943) with photographs by Kidder Smith. The Brazilian work in particular had a wide and pervasive influence, especially in Pretoria with its hot climate, and on a group of architects who were culturally particularly receptive to a new, non-European architecture. The capital city of the country was the center of those pressures which sought to develop a particular South African identity and, in building, Brazilian models seemed more appropriate than European ones. The influence was mainly two fold: that relating to vernacular building, that is, seeing that vernacular building could provide a legitimate point of departure for modern building; and that relating to building form as such, in particular lessons from the Ministry of Education and Health Building, Rio de Janeiro (Lucio Costa and others, with Le Corbusier, 1942). The brise-soleil, the use of pilotis, and the use of a regular frame to contain the other elements, were particularly emulated. The Meat Board Building, Pretoria (Stauch and Partners, 1951), is a good example of the application of these ideas and the fact that the Institute of South African Architects gave an Award of Merit to it signifies the importance attributed to these ideas.²³



²³ Prinsloo, 1981, p. 454.

Fig. 12, 13 e 14 - National Meat Board Building, Pretoria, Helmut Stauch, 1951.

Essas leituras, no longínquo 1982, foram extremamente sugestivas. Nenhuma novidade encontrar então comentários – elogiosos ou abertamente adversos, tanto faz – a respeito arquitetura brasileira nos principais manuais estrangeiros sobre o modernismo.²⁴ Veja-se Hitchcock (1977),²⁵ Benevolo (1960) e, posteriormente, Frampton (1980). Fora do nosso limite temporal, Curtis (1982) e Tafuri e Dal Co (1986) nada têm de diferente deste ponto de vista.

Em trabalhos publicados até aquela época, raramente havíamos nos deparado com uma informação factual de tal ordem sobre o impacto da arquitetura brasileira – leia-se, carioca – no exterior.²⁶ O *Brazil builds*²⁷ em circulação em Pretoria nas década de 1940; o Ministério modelar e fazendo escola por lá; até mesmo o nativismo sendo reverenciado e objeto de reflexão!!

Uma relativa exceção encontra-se em um dos canônicos. No último capítulo do seu *Outline* (1968, pp. 404-35)²⁸ Nikolaus Pevsner, apesar de não afirmar categoricamente uma primazia do modernismo brasileiro de 1945 em diante, cita-o extensivamente – como sempre um pouco de Reidy e muito de Niemeyer –, para exemplificar tanto o que vê de positivo como de negativo na produção arquitetônica do momento.²⁹

Mais efetivos, na literatura estrangeira vêm à mente Percy Johnson-Marshall e Marcus Whiffen como autores que haviam dado crédito aos brasileiros por inspirarem arquitetos estrangeiros, pelo seu efeito no cenário internacional no segundo pós-guerra. E isto em dois países centrais, Estados Unidos e Inglaterra. A Europa continental, por sua vez nunca se manifestou, sempre passou batida pelo assunto. Referindo-se ao Lever Building, em Nova York, Johnson-Marshall (1966, p. 80) escreve:

²⁴ Hoje rotulados de "textos canônicos", o que só faz reforçar a versão heróica eurocêntrica.

²⁵ A primeira edição é de 1953.

²⁶ Niemeyer, em especial, sempre foi bastante injustiçado sob este aspecto e, em certo sentido, continua sendo até hoje. Considere-se a sua óbvia influência nos projetos de Wallace Harrison.

²⁷ Goodwin, 1943.

²⁸ Revisto várias vezes, a primeira edição é de 1943.

²⁹ Os exemplos são inúmeros. Ao discutir a difusão do *International style*, por duas vezes cita o Brasil em primeiro lugar: *He [the critic] has to visit Brazil without any doubt...* (p. 412); ou: *With this the barrier of the Second World War is passed. The war meant to many countries – though not to all – another break of five years and more. Brazil had built what she liked...* (p. 419). É possível, inclusive, inferir que Pevsner atribui mudanças estéticas na obra de Le Corbusier – em direção ao que considera "irracionalismo" – ao seu contato com os brasileiros (pp. 426-28). Paradoxalmente, as realizações que escolhe para elogiar como "racionalis" são o conjunto da ONU e a Lever House (pp. 432-33), ambos com uma óbvia pitada de modernismo carioca. Adiante, outro exemplo elogiado é o conjunto residencial Roehampton (1952), Alton West, em Londres (p. 434-35), extremamente próximo da superquadra brasiliense (Ficher, 2010).

This superb design by architects Skidmore, Owens and Merrill for Messrs Lever was a pioneer in the form of commercial office buildings... A simple vertical form, larger but of approximately the same shape as the Ministry of Education building at Rio, was placed over a low platform consisting of a two-storey hollow square with most of the ground floor left open. Compared with almost any other building in Manhattan (except the U.N. Building) [mais modernismo carioca] the public gain was very great. It was this building [indiretamente, o próprio Ministério] that we made our prototype for the Barbican scheme in London, proposing a number of tall blocks with low slabs, the latter being joined by bridges to form a complete upper level pedestrian system.

Em seu livro *American Architecture since 1780* (1969, pp. 256-62), Whiffen escreve:

The architects of the New Formalism are unashamed in their pursuit of delight...And it is to Stone, more than any other single architect, to whom we owe the return of the arch, though the inverted arcade, so popular with the designers of banks and real estate offices, has its source outside the United States in Oscar Niemeyer's presidential palace in the new capital of Brazil.

Tudo isso nos levava a pensar que havia ali uma pista que valeria a pena investigar.³⁰ Entretanto nossos caminhos seguiram outros rumos, assumimos outras responsabilidades e tal curiosidade findou um tanto abandonada em algum canto da memória. Uma reflexão que sempre quiséramos aprofundar e à qual só agora temos ocasião de retomar.

Dada a premência de tempo,³¹ restringimo-nos a uma muito superficial varredura na internet. Começando pela Stauch and Partners: a firma, criada em 1943, ainda existe, denominada Stauch Vorster Architects; todavia seu fundador, Helmut Wilhelm Ernest Stauch, nascido em 1910, falecera em 1970.³² Sobre o próprio prédio, um site nos permitiu visualizá-lo pela primeira vez e descobrir a sua denominação original: National Meat Board Building, e a atual: Nipilar House.³³

O próximo passo foi saber algo de Helmut Stauch. Nascido em Eisenach, Alemanha, sobre os inícios de sua trajetória profissional vale notar que estudou na

³⁰ Na linha sugerida por Carlo Ginzburg em "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" (1989, pp. 143-79).

³¹ E para não levar um pito da Ruth.

³² <http://www.emporis.com/application/?nav=company&lng=3&id=103193>. Segundo essa fonte (sem data...) a Stauch Vorster Architects é o maior escritório de arquitetura da África do Sul e está incluída entre os duzentos maiores do mundo.

³³ Abrigando, entre outros, a ONG National Institute for Public Interest Law and Research; <http://wiki.up.ac.za/index.php?title=ABLEWIKI:NipilarHouse>.

Technische Hochschule de Berlim (onde foi aluno do Neuffert); começou a fazer projetos na África do Sul em 1928 (país onde seu pai enriquecera graças à descoberta de jazidas de diamantes); talvez tenha estagiado com Gropius e Breuer; e por volta de 1935 se transferiu definitivamente para Pretoria.³⁴ Por uma antiga colaboradora sua, Shelagh Suzanne Nation (1985), fomos informadas que:

*About a year after Wepener joined him [1948], he went on a boat trip to Rio de Janeiro with the main intention of meeting Oscar Niemeyer and seeing his work... His visit to Niemeyer surprised him in many ways. Although he had a deep admiration for the South American architect, Niemeyer's disregard for such practicalities as whether or not the roof leaked came as a shock to Stauch. But Niemeyer's emphasis on aesthetic values appears to have appealed to him strongly; it was to a large extent dominant in his own architectural philosophy. When, shortly after his trip, he was commissioned for the Meat Board Building, the Niemeyer influence was clear. His design for this building aroused a great deal of interest... At least seven leading architectural magazines published full articles on the building, students in South Africa made a point of visiting it and its impact continued for years.*³⁵

Fuçando, fuçando, encontramos outra informação empolgante: em Pretoria há exemplos da influência do racionalismo carioca anteriores ao National Meat Board Building, e isto em projetos de outros arquitetos. Como Norman Eaton, que talvez tenha estado com Niemeyer na década de 1940.

*Norman Eaton was commissioned in 1944 to design the Ministry of Transport Building... The design of the Ministry of Transport Building was to be the first Modern Civic building in South Africa and also the first which was directly influenced by the new Brazilian architecture, owing much to the Rio de Janeiro Ministry of Health and Education.*³⁶

³⁴ http://www.artefacts.co.za/main/Buildings/arch_bottom_left.php?archid=1614

³⁵ Nation, 1985, p. 67. <http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-12092008-085230/unrestricted/04chapter6.pdf>

³⁶ Jooste, 2007, p. 83. <http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-11192007-123037/unrestricted/05chapter5.pdf>



Fig. 15 e 16 - Netherlands Bank, Pretoria, Norman Eaton, 1953.

Mais um projeto de Eaton, agora entrando em cena Burle Marx:

Designed in 1953 the Netherlands bank was a summary of the Brazilian notions used in the Ministry of Transport building. Vertical hardwood louvers were used on the western façade of the building as solar shading towards the harsh afternoon sun. On his travels to Brazil, Eaton met with Roberto Burle Marx (acclaimed Brazilian landscape architect) who inspired him to make use of a roof garden...³⁷

Por suas fotos, esses dois prédios – e outros, como o Pretoria Wachthuis – bem poderiam estar no Rio de Janeiro, não causariam estranheza.³⁸

Continuando a escarafunchar, fomos nos deparando com várias referências à influência carioca em Pretoria, como um artigo mais recente do Prinsloo (1995), "South African syntheses - architecture".³⁹ Ou o artigo "The New Futurists", de Chipkin (s. d.), que aponta uma relação entre a adoção da arquitetura moderna na África do Sul – tendo como modelo a brasileira – e a legitimação de um governo de direita, o que nos recorda o que aconteceu por aqui com Getulio Vargas:

Closer to home, we will see the apartheid government invoke Modern Movement architecture to make their own claims to modernity. See, for example, the Meat Board Building done by Helmut Stauch in 1952.⁴⁰

³⁷ Idem, p. 84. Este prédio também recebeu a Menção de Mérito do South African Institute of Architects.

³⁸ Estamos nos referindo às fotos em Jooste, 2007; infelizmente, trata-se de um arquivo PDF do qual não é possível extrair as imagens. Impresso, não tivemos tempo de escaneá-lo, fica para o PowerPoint...

³⁹ http://findarticles.com/p/articles/mi_m3575/is_n1177_v197/ai_16788119/?tag=content;col1.

⁴⁰ <http://wiserweb.wits.ac.za/PDF%20Files/wirs%20-%20chipkin2.PDF>

Ampliando ainda mais o território, um artigo de Roger C. Fisher, "Africa: Southern and Central Africa" – talvez verbete de uma *Encyclopedia of 20th Century architecture*⁴¹ – dirige nosso olhar para outros países africanos, em especial aqueles de colonização portuguesa:

*In the years directly following World War II, Expressionist modernism became popular on the subcontinent, fired by the "Brazil Builds" exhibition (1943) and the subsequent publication of the same name. Graduates from the architectural schools of the Witwatersrand and Pretoria (established 1943) had a particular affinity for the style, and the highveld became a "Little Brazil," a style term used by Chipkin (1993) and derived from Pevsner's (1953) observation that Johannesburg was "a little Brazil within the Commonwealth". The appellation has expanded to all southern African architecture of the 1950s and 1960s that reflects Brazilian influence. The idiom is most flamboyant in the then-Portuguese colonies of Angola and Mozambique, particularly in Lorenzo Marques (now Maputo), with Pancho Guedes (1925-) being its distinguished exponent.*⁴²

A citação do artigo de Pevsner – "Johannesburg: the development of a contemporary vernacular in the Transvaal" (1953, pp. 361-382) – é recorrente nas fontes até aqui referenciadas. Nem tentamos lê-lo;⁴³ mesmo assim, somos obrigadas a retificar o acima dito e reconhecer: agora temos um historiador canônico inequivocamente identificando uma difusão do racionalismo carioca na África do Sul no momento mesmo em que ela estava ocorrendo.

E temos também um novo personagem: Pancho Guedes, um artista fascinante e autêntico regionalista crítico.

*...while he admired Le Corbusier's commitment to painting and the forms of his buildings, he was not attracted to the machine aesthetic of the 'International Style'... His Latin temperament responded more to the freer sculptural expressive forms of Brazilian architects like Alfonso Reidy and Oscar Niemeyer, the Mexican Juan O'Gorman, the work of Frank Lloyd Wright, the buildings of Antonio Gaudí, and his own growing response to African...*⁴⁴

Por outro lado, considerar as colônias portuguesas parte da trama levanta mais interrogações; temos agora várias alternativas para os vetores da difusão diagnosticada. Será que a inspiração para essas arquiteturas veio diretamente do Rio,

⁴¹ Sennott (ed.), 2004.

⁴² <http://www.bookrags.com/tandf/africa-southern-and-central-africa-tf/>

⁴³ Pode ser encontrado na Biblioteca da FAU/USP.

⁴⁴ <http://www.guedes.info/confam.htm>

ou lá aportou via Pretoria, ou via Portugal? Ou, ainda, será que chegou simultaneamente lá e em Portugal? Peraí, como Portugal está entrando nessa estória? Porque em Lisboa há um número significativo de edificações que também trazem a impressão digital carioca. Veja-se o conjunto de quatro prédios de apartamentos à avenida Infante Santo, sobre o qual nada sabemos, mas cujas fotos apóiam a sugestão.⁴⁵



Fig. 17 - Edifícios à Avenida Infante Santo, Lisboa.

As pistas não param por aí. O Marcos entrou na roda, nos contando que o vienense Harry Seidler (1923-2006) estagiou por certo tempo no escritório de Niemeyer, no Rio. Isto foi em 1948; no ano seguinte mudou-se para a Austrália, onde iria se tornar profissional de grande renome. Sem maiores comentários, uma visita ao site da Harry Seidler and Associates – <http://www.seidler.net.au/> – permite verificar como a *maneira niemeyeriana* foi uma constante ao longo da sua carreira.

Bendita e maldita internet! Salvo um serendipitoso passeio por Lisboa, nem saímos de casa, a investigação mal começou – não examinamos outras fontes primárias que não fotos de alguns prédios – e já temos fortes indícios de que é promissora. Dois caminhos se apresentam. Por um lado, dedicar-se a um opulento veio, sem dúvida já explorado por outros autores e sobre outros países, porém no qual ainda há muito para garimpar: o impacto e influência, seja da arquitetura carioca em geral, seja de Affonso Eduardo Reidy e Oscar Niemeyer em particular, no exterior nas

⁴⁵ Fotos de Sylvia Fischer, Lisboa, maio de 2010.

décadas de 1940 a 1960. Por outro, enveredar por uma reflexão de ordem metodológica sobre como trabalhar agora que temos a web e seus imensos recursos para obter informações – tantas informações que podem nos fascinar e, enfeitiçados, fazer-nos incorrer em graves equívocos. Quem se habilita?



Fig. 18 e 19 - Edifícios à Avenida Infante Santo, Lisboa.

Bibliografia

- ACAYABA, Marlene Milan e FICHER, Sylvia. *Arquitetura Brasileira: tendências atuais. Projeto 16*, pp. 23-30, nov. 1979.
- _____. Brazil. In SANDERSON, Warren (org.). *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*. Westport, CONN.: Greenwood Press, 1981.
- BENEVOLO, Leonardo. *Storia dell'Architettura Moderna*. Bari: Laterza, 1960.
- BRUAND, Yves. *L'Architecture Contemporaine au Brésil*. Lille: Services de Reproduction de Theses, Université de Lille III, 1973.
- CHIPKIN, Ivor. The New Futurists. <http://wiserweb.wits.ac.za/PDF%20Files/wirs%20-%20chipkin2.PDF>
- COSTA, Eunice e CASTILHO, Maria Stella (orgs.). *Índice de arquitetura brasileira : 1950-70*. São Paulo, FAU/USP, 1974.
- CURTIS, William J R. *Modern Architecture since 1900*. Oxford: Phaidon, 1982.
- FICHER, Sylvia. Paradigmas urbanísticos de Brasília. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* 65, pp. 93-121, 2010.
- FICHER, Sylvia e ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Projeto, 1982.
- FRAMPTON, Kenneth. *Modern Architecture : A Critical History*. New York: Oxford University Press, 1980.
- _____. Toward a Critical Regionalism: Six Points for an Architecture of Resistance. In: FOSTER, Hal (org.). *The Anti-aesthetic : Essays on Postmodern Culture*. Port Townsend, WASH: Bay Press, 1983.
- GOODWIN, Philip L. *Brazil builds. Architecture new and old, 1952-1942*. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- HITCHCOCK, Henry-Russell. *Architecture : 19th and 20th Centuries*. Harmondsworth: Penguin, 1977. (1^a ed.: 1953)
- HOLANDA, Armando de. *Roteiro para construir no Nordeste*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1976.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL / RJ. *Arquitetura brasileira após Brasília / Depoimentos*. Rio de Janeiro: 1978. 3 v.
- JOHNSON-MARSHALL, Percy. *Rebuilding Cities*. Chicago: Aldine, 1966.
- JOOSTE, Marc Charles. *Can you see the music? MTV base music television production centre*. Pretoria: Master of Architecture, University of Pretoria, 2007. <http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-11192007-123037/>

LEMOS, Carlos. *Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Melhoramentos e Edusp, 1979.

NATION, Shelagh Suzanne. *The background, architectural philosophy and work of Helmut Wilhelm Ernest Stauch*. Pretoria: Master of Architecture, University of Pretoria, 1985.

<http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-12092008-085230/>

PEVSNER, Nikolaus. Johannesburg: the development of a contemporary vernacular in the Transvaal. *Architectural Review*, 113, pp. 361-382, June 1953.

_____. *An Outline of European Architecture*. Harmondsworth: Penguin, 1963. (7ª ed. revista; 1ª ed.: 1943).

PRINSLOO, Ivor. Republic of South Africa. In SANDERSON, Warren (org.). *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*. Westport, CONN.: Greenwood Press, 1981.

_____. South African syntheses - architecture. *The Architectural Review*, march 1995.
http://findarticles.com/p/articles/mi_m3575/is_n1177_v197/ai_16788119/?tag=content:col1

SANDERSON, Warren. Trends in Contemporary Architecture. In SANDERSON, Warren (ed.). *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*. Westport, CONN.: Greenwood Press, 1981.

_____. (ed.). *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*. Westport, CONN.: Greenwood Press, 1981.

SENNOTT, R. Stephen (ed.). *Encyclopedia of 20th Century architecture*. New York : Fitzroy Dearborn, 2004.

TAFURI, Manfredo e DAL CO, Francesco. *Modern Architecture*. New York: Rizzoli, 1986. 2 v

TZONIS, Alexander e LEFRAIVE, Liane. *Atelier 66 : The Architecture of Dimitris and Suzana Antonakakis*. New York : Rizzoli, 1985.

_____. *The Grid and the Pathway; the Work of D. and S. Antonakakis. Architecture in Greece 15*, 1981.

WHIFFEN, Marcus. *American Architecture since 1780*. Cambridge, MASS: The MIT Press, 1969.

Correspondências

Warren Sanderson para Sylvia Ficher, Trier, Alemanha, 5 jul. 1978.

Warren Sanderson para Sylvia Ficher, Montreal, 1 dez. 1979.

Marlene Milan Acayaba e Sylvia Ficher para Warren Sanderson, São Paulo, 14 maio 1980.

Warren Sanderson para Sylvia Ficher, Montreal, 2 out. 1980.

Sites

<http://www.eurospanbookstore.com/display.asp?k=9780861720255&>

<http://www.bookadda.com/product/international-handbook-contemporary-warren-sanderson/p-9780313214394-313214395>

<http://www.stoutbooks.com/cgi-bin/stoutbooks.cgi/86108>

http://www.estantevirtual.com.br/mod_perl/busca.cgi?pchave=ficher+sylvia+acayaba&tipo=simples&estante=%28todas+estantes%29&alvo=autor+ou+titulo

<http://www.emporis.com/application/?nav=company&lng=3&id=103193>

<http://wiki.up.ac.za/index.php?title=ABLEWIKI:NipilarHouse>

http://www.artefacts.co.za/main/Buildings/arch_bottom_left.php?archid=1614

<http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-12092008-085230/unrestricted/04chapter6.pdf>

<http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-11192007-123037/unrestricted/05chapter5.pdf>

<http://wiserweb.wits.ac.za/PDF%20Files/wirs%20-%20chipkin2.PDF>

<http://www.bookrags.com/tandf/africa-southern-and-central-africa-tf/>

<http://www.guedes.info/contfram.htm>

<http://www.seidler.net.au/>

Sylvia Ficher é doutora em história pela FFLC/USP, com pós-doutorado em sociologia na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris), e professora da FAU/UnB. É autora de *Arquitetura Moderna Brasileira* (1982), com Marlene Milan Acayaba; *GuiArquitetura de Brasília* (2000), com Geraldo Nogueira Batista; *Os Arquitetos da Poli* (2005), agraciado com o Prêmio Clio 2005, da Academia Paulistana de História; e *Guia de obras de Oscar Niemeyer: Brasília 50 anos* (2010), com Andrey Schlee. sficher@unb.br

Marlene Milan Acayaba é doutora pela FAU/USP e dirigiu o Museu da Casa Brasileira de 1995 a 2002. É autora de *Arquitetura Moderna Brasileira* (1982), com

Sylvia Ficher; *Residências em São Paulo:1947-1975* (1987); *Branco & Preto: uma história de design brasileiro* (1994) e *11º ao 15º Prêmio Design Museu da Casa Brasileira* (2001). Coordenou a publicação de *Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira* (2002) e *Museu da Casa Brasileira* (2002). marlene.acayaba@uol.com.br e <http://marleneacayaba.blogspot.com>.